

um diário de uma anarcoterrorista no japão

luíza uehara

Sugako Kanno. *Reflexiones de Camino a la Horca*. Mallorca, Calumnia Ediciones, 2019, 64 pp.

A década de 1990 no Japão é conhecida como a “década perdida” por economistas e estudiosos das relações diplomáticas japonesas. Após anos de crescimento propulsionado pela ocupação estadunidense, a bolsa japonesa apresentou significativa queda nesse período. Se antes, os índices subiram principalmente por conta da construção das bases militares dos EUA nas ilhas de Okinawa, e com a colaboração japonesa nas guerras incentivadas e protagonizadas pelos estadunidenses na Ásia, com a guerra das Coreias e a do Vietnã, no final do século XX, restou aos estudiosos darem seus pareceres sobre o fim do milagre japonês.

Entretanto, destoando desses estudos, nessa mesma década de 1990, um livro foi lançado em inglês, reunindo escritos esquecidos e quase esquecidos desde a ascensão do fascismo japonês. *Reflections on the way of the gallows*, apresenta recortes de diários de mulheres que resistiram ao Imperador desde a segunda parte da Era Meiji (1868-1912) até os anos iniciais da Era Shōwa (1926-1989).

Organizado, traduzido e prefaciado pelo pesquisador estadunidense Mikiso Hane, a obra apresenta histórias

Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol e doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: luiza.uehara@gmail.com.

de vida de mais de uma dezena de mulheres. Em meio a liberais e comunistas, há duas memórias de mulheres anarquistas: Fumiko Kaneko e Sugako Kanno. Elas não se conheceram, quando Sugako Kanno faleceu, Fumiko Kaneko estava com apenas com oito anos de idade. Sugako Kanno, cujo diário se chama “*Reflexões ao caminho da forca*”, foi executada em 1911 pelo Império japonês no famoso Taigaku Jiken (Incidente de Alta Traição,) acusada de, junto com outros 11 homens, incluindo o seu companheiro, o anarquista Shusui Kôtoku, arquitetar um plano de assassinato do Imperador Meiji.

Quando ambas pareciam estar esquecidas, a Calumnia Ediciones lançou as memórias de Kanno, *Reflexiones de Camino a la Horca* em uma elegante edição, apresentando em espanhol o mesmo texto que constava na coletânea de Hane.

A Calumnia é uma associação anarquista e autogestionária com sede no arquipélago de Mallorca, na Catalunha. Publica livros libertários para os interessados, imprimindo de 200 a 250 cópias de cada título, vendidas a preço de custo. A Calumnia Ediciones não está disposta a tornar-se refém de lojas, online ou físicas, que vão apenas empilhar os livros na espera de alguém aparecer um dia para comprar um exemplar.

Reflexiones de Camino a la Horca começou a ser escrito por Kanno logo após ela receber a sentença de pena capital e prosseguiu até os últimos instantes antes de sua execução ou, como ela dizia, antes do cadafalso. Conta com poemas, pequenos escritos sobre a preparação para a morte e relatos sobre a ida ao tribunal.

O processo de Kanno e de outros acusados no Taigaku Jike teve início em 10 de dezembro de 1910, quando as defesas apresentaram seus documentos, sendo todos esses recusados pelo juiz. O julgamento foi realizado como o do republicano Francisco Ferrer, anos antes, na Espanha: a portas fechadas, para evitar, segundo a polícia, que os acusados usassem o tribunal como plataforma para expor seus pensamentos; que fossem interpretados como mártires ou que causassem qualquer ofensa pública ao Imperador.

Em 25 de dezembro, o procurador Hiranuma Kiichiro (1867-1952) exigiu pena de morte para os 25 acusados. A defesa teve apenas três dias para recorrer, em vão. Apesar do Japão não possuir uma lei específica de perseguição aos anarquistas como aconteceu no Brasil na década de 1920, e em tantos outros lugares do planeta, possuía um Código Penal. E este já bastava. Somava-se a isso, a consideração de que certos *pensamentos estrangeiros* eram perigosos ao Imperador. Seria isso o caso dos anarquismos. Declarar-se anarquista já era pretexto para ser alvo do sistema penal.

No caso do Japão Império, com o Taigaku Jiken, ficou evidente que andar com um anarquista já tornava alguém alvo dos tribunais, como destacou Kanno: “Apenas nós cinco, Kōtoku, Miyashita, Niimura, Furukawa e euestávamos envolvidos na 'conspiração', nome que o promotor deu ao grupo, ao qual chamou de 'reservas' sob o comando direto de Kōtoku. Os outros acusados foram associados pelos promotores à conspiração por conta das conversas ociosas que tivemos no passado, conversas tão efêmeras quanto a fumaça flutuante. A promotoria argumentou que se tratava de uma conspiração de anarquistas, e, todos aqueles que eram anarquistas ou,

apenas amigo de um anarquista seriam participantes da conspiração” (p. 38).

As sentenças foram proclamadas somente no dia 18 de janeiro de 1911. Segundo o anarquista e pesquisador Philippe Pelletier, ao ouvir a sentença, Kanno gritou diante do juiz: *museifu shugi banzai!* (Viva a anarquia!), seguida por Kôtoku, com quem vivia até serem presos.

Banzai é a junção dos kanji de 10 mil e pelo de anos de idade. O termo possui variações e já foi utilizado para desejar anos de vida ao Imperador, formando a expressão Tenno heika banzai (vida longa ao Imperador), principalmente durante as guerras imperiais japonesas e também durante a II Guerra Mundial.

Entretanto, aos anarquistas não se trata do prolongamento da vida no sentido temporal, ou da saudação a uma autoridade, ou de saber que os exames médicos estão em dia, ou do recente conceito de qualidade de vida. Mas sim de uma saúde na luta contra o Estado, mesmo que essa saúde esteja diante da morte ou da execução.

Kanno era uma mulher corajosa. Mesmo sabendo o que lhe aconteceria, durante seu depoimento não suplicou por clemência, mas escancarou a subserviência dos juizes, assim como a de uma população disposta a seguir o Imperador ou o soberano da ocasião.

E nesse mesmo dia 18 de janeiro de 1911, Kanno foi encaminhada para a prisão de mulheres em Tóquio, onde começou a registrar suas lembranças.

No dia 21 de janeiro, Kanno afirmou seus atos e planos. Lançou uma recusa a qualquer reverência a um

juiz ao escancarar o que é um tribunal: “Vocês são pobres e lamentáveis. juízes. Tudo o que vocês queriam fazer era proteger suas posições. Para salvaguardá-los [a família imperial], vocês transmitiram esses veredictos (...). Vocês, pobres juízes, pobres escravos do governo. Eu deveria estar com raiva de vocês, mas tenho pena (...). Vocês podem viver por cem anos, mas o que é uma vida sem liberdade, uma vida de escravidão? Vocês, pobres escravos” (pp. 40-41).

Assim para Kanno e seus companheiros, matar o Imperador era fazer algo no presente, que desmontaria até mesmo os defensores da pátria e o próprio tribunal, e não ficar à espera de uma ordem ou do prenúncio de uma revolução. .

Não estavam à espera de uma reforma que pudesse tornar o sistema imperial e o Estado aceitáveis, tampouco de que algo aconteceria, por mais que o teatro do tribunal tenha escutado as defesas: “começamos nosso plano justamente porque o sistema legal é escabroso e o poder despótico existe. Era absurdamente ingênuo esperar, mesmo que por um momento, que os poderosos, cuja autoridade não reconheço, pudessem salvar meus camaradas simplesmente porque as audiências eram conduzidas meticulosamente” (p. 19).

Todos os dias, Kanno anotava como estava o tempo, e até mesmo recordou alguns poemas que havia escrito em outro diário. Entre eles:

“Outro dia dedicado a observar as sombras
criadas pela luz do sol que entra
pela janela com barras” (p. 29).

O Taigaku Jiken ainda agitou anarquistas pelo planeta. A revista *Mother Earth*, coordenada por Emma Goldman nos EUA, lançou, desde dezembro de 1910, textos pela libertação imediata dos anarquistas e seus amigos.

Tais manifestações surtiram efeito, e em 19 de janeiro de 1911, doze dos condenados tiveram a pena comutada para prisão perpétua. A estadia na prisão de Chiba matou Takagi Kennei, em 1914, e os outros tentaram cometer suicídio para não morrerem aos poucos na mão do Estado japonês.

Mesmo assim, Kanno nunca mais pode rever seus companheiros. Algo pelo que ansiava acontecer antes de sua morte. Foi executada no dia seguinte ao dos homens, mortos em 24 de janeiro. Por ser mulher, sua execução aconteceu na manhã do dia 25.

Kanno não temeu a morte, mas sabia da agonia de cada dia. Entretanto, não se tratava de um sacrifício ou de uma penitência para se alcançar algo. Era sua execução. Sem nenhuma glória ou esperança, este era o veredicto.

Assim como sua vida, seu diário também se interrompe abruptamente. Mas, suas palavras permanecem vivas e incendiárias.

A perseguição do governo japonês se acirrou ainda mais na década de 1920. No Grande Terremoto de 1923, Sakae Ôsugi, Nôe Itô e seu sobrinho foram brutalmente assassinados pela polícia, e milícias nacionalistas que assassinaram e esquartejaram incontáveis corpos de coreanos imigrados no Japão. As associações anarquistas eram fechadas sumariamente; os jornais, empastelados; e

o Império se estendeu à Manchúria com o sufocamento da experiência da Comuna Shinmin.

A resposta dos libertários. não tardaria em planos e ataques. Como o arquitetado por Park Yeol e Fumiko Kaneko em 1923, em que estes pretendiam terminar o que Kanno e seus companheiros haviam começado. Mas ambos também foram capturados e inicialmente condenados à morte. Pena que seria comutada para prisão perpétua por, segundo o tribunal, benevolência do Imperador. Yeol cumpriu sua pena até ser perdoado no pós-II Guerra Mundial e Kaneko suicidou-se na prisão aos 23 anos.

A Sociedade da Guillhotina, associação anarcoterrorista, no final da década de 1920, realizou assaltos a bancos, ataques ao general responsável pelo assassinato de Ôsugi, Itô e seu sobrinho. Pretendia também assassinar o então príncipe Hirohito, que se tornou depois o Imperador que conduziu o Japão durante a II Guerra Mundial até o final da década de 1980. Seus integrantes foram capturados. um deles, Kyutarô Wada, está presente nos intervalos desta verve com uma de suas memórias na prisão antes de cometer o suicídio.

Reflexiones de Camino a la Horca não é somente um diário contando um dia a dia qualquer. Mas a coragem de Kanno diante da agonia da espera da execução. Uma obra urgente e saudável aos anarquistas em qualquer canto do planeta. Que a vitalidade de sua obra permaneça incendiária. *Banzai!*